

Ano 5, Vol VIII, nº 1 , pág. 183- 207, Jan-Jun 2012

Análise Intergeracional do Processo de Adoção: Avós, Pais e Filhos

Maria Barbosa-Ducharne & Raquel Barroso

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto,
Porto, Portugal.

Resumo

Considerando que uma família adotiva é acima de tudo uma família, que os avós são parte integrante das famílias e que atualmente as várias gerações da família têm cada vez mais oportunidades de convívio por períodos cada vez mais extensos, o objetivo deste estudo exploratório é analisar o processo de adoção, numa perspetiva intergeracional, confrontando as vivências relativas à adoção de três gerações da mesma família. Participaram neste estudo 58 famílias de avós, pais e filhos. Os instrumentos utilizados na recolha de dados foram a EAPA - Entrevista a Avós sobre o Processo de Adoção, a EPA - Entrevista sobre o Processo de Adoção, e a ECAA - Entrevista a Crianças e Adolescentes sobre a Adoção. Os resultados permitem caracterizar a vivência intergeracional do processo de adoção, salientando-se o impacto da geração e do papel desempenhado por avós, pais e filhos no próprio processo. Os resultados deste estudo, pioneiro na proposta de uma abordagem intergeracional na adoção, têm importantes implicações para todas as pessoas que estão diretamente ligadas à área da adoção, nomeadamente profissionais e investigadores. Na medida em que fornecem informação sobre a forma como as várias gerações da família vivem o processo de adoção, os resultados deste estudo evocam a necessidade de equacionar em novos moldes a prática profissional em adoção e confirmam o potencial da abordagem intergeracional na investigação em adoção.

Palavras-chave: Adoção, análise intergeracional, família adotiva, avós/pais/filhos.

Abstract

Considering that an adoptive family is above all a family, that the grandparents are an integral part of the family and that currently the different generations of a family have more opportunities for socializing for increasingly extended periods of time along the life-span, the purpose of this study is to analyze the adoption process from an intergenerational perspective, confronting the adoption related experiences of the grandparents, the parents and the adopted children/grandchildren. Fifty-eight families of grandparents, parents and children participated in this study. The instruments used in data collection were the EAPA - Interview to Grandparents about the Adoption Process, the EPA - Interview about the Adoption Process and the ECAA - Interview to Children and Adolescents about Adoption. The results illustrate the intergeracional experience of adoption, highlighting the impact on the adoption process of the generation and of the specific role played by grand-parents, parents and children. The results of this study, that is pioneer in the proposal of an intergenerational approach for adoption, are emphasized by the importance that they might assume for all the people that are directly involved in adoption, particularly investigators and professionals. In providing information about the way the different generations of the family live the adoption process, the results evoke the need to reconsider the professional practice in adoption, and confirm the potential of assuming an intergenerational approach in the adoption research.

Keywords: adoption, intergenerational analysis, adoptive family, grandparents/parents/children

A conceção e a prática da adoção têm acompanhado a evolução da sociedade contemporânea, assistindo-se em Portugal nos últimos 30 anos uma atenção crescente à *Criança como Sujeito de Direitos*. Tal como noutros países e noutras culturas, em Portugal, a adoção começou por ser uma resposta às necessidades dos adultos, constituindo um meio de acesso à parentalidade que garantia a continuidade geracional de famílias confrontadas com problemas de fertilidade ou risco genético. Na maioria dos casos a adoção era mantida em segredo, com o intuito de resguardar a privacidade da família adotiva, de proteger a família biológica do estigma de uma gravidez não desejada e/ou ilegítima, de proteger a criança do estigma desta forma de parentalidade e, por

último, de proteger a família adotiva do estigma da infertilidade (Brodzinsky, 2005). Atualmente a adoção, unindo trajetórias de vida distintas, criando vínculos afetivos e legais entre pessoas de famílias diferentes que se constituem numa só família, traduz essencialmente uma oportunidade de proporcionar à criança que, por diversas razões, não pôde crescer no seu ambiente familiar de origem, a possibilidade de pertencer a uma nova família e de ver respondidas as suas necessidades desenvolvimentais específicas. Esta medida surge, então, como uma resposta social de defesa e promoção dos interesses e direitos da criança de pertencer e crescer numa família que lhe proporcione as condições necessárias a um desenvolvimento completo e harmonioso. Neste sentido, é nos nossos dias também percebida como uma “intervenção natural de sucesso” (Van IJzendoorn & Juffer, 2006) para as crianças que sofreram adversidade precoce, na medida em que constitui oportunidade de recuperação do desenvolvimento físico, socioemocional e cognitivo (Juffer et al., 2011).

A adoção é uma prática cada vez mais comum em Portugal. Das 2572 crianças que foram adotadas em Portugal entre 1998 e 2010, verifica-se que 71% ocorreram nos últimos quatro anos, entre 2007 e 2010 (dados fornecidos pelo Instituto de Segurança Social, Instituto Público). Apesar destes números, da importância crescente que tem em Portugal, e apesar das famílias adotivas serem antes de mais famílias com muitas semelhanças em relação às famílias convencionais¹, a adoção é ainda vista como uma segunda opção para a parentalidade (Palacios, 2010). Os graus de parentesco estão, com frequência,

¹ Entende-se por família convencional, toda a forma de família, bi ou monoparental, de raiz ou reconstruída, na qual o processo de filiação seja estabelecido por via convencional assentando num vínculo biológico, genético e de consanguinidade.

apenas associados às relações de sangue e à genética e muitas famílias continuam a achar que existe distinção entre filhos adotados e biológicos. A forma como a adoção é vivida está associada a estas crenças e posturas face à adoção.

Num trabalho já clássico, Kirk (1964 *cit in* Brodzinsky, 2005) identificou duas posturas que as próprias famílias adotivas podiam assumir face à adoção - a negação das diferenças entre a parentalidade adotiva e parentalidade biológica e a aceitação dessas mesmas diferenças - com impacto na dinâmica familiar, em particular, no modo como se processa a comunicação sobre a adoção na família e influenciando o bem-estar e ajustamento psicológico dos elementos da família. Os avanços da investigação sobre a parentalidade adotiva vieram mostrar que a associação entre ajustamento familiar e reconhecimento de diferenças específicas à adoção não é linear, mas curvilínea. Em certos momentos do ciclo de vida da família adotiva, e face a certas tarefas, é desejável o assumir das diferenças e especificidades da adoção, mas noutras situações e noutros momentos, a negação das diferenças e a aproximação da família adotiva à família convencional, da parentalidade adotiva à parentalidade convencional, se associam a melhor ajustamento familiar. Ou seja, a relação entre os padrões de reconhecimento e rejeição das diferenças e o ajustamento psicológico é variável ao longo do ciclo de vida da família (Brodzinsky, 1987, 1990). Contudo, a investigação que explora a relação entre a qualidade da comunicação sobre a adoção na família e o ajustamento psicológico do adotado tem demonstrado que a abertura e fluência de uma comunicação sobre a adoção, empática, facilitadora da expressão

emocional e assente na proactividade dos pais, se associa a maior autoestima do adotado (Barbosa-Ducharne, Ferreira & Soares, 2012; Brodzinsky, 2005), a menor incidência de problemas de comportamento e de dificuldades emocionais na criança adotada (Barbosa-Ducharne et al., 2012; Brodzinsky, 2006), bem como a melhor ajustamento psicológico na adolescência (Rueter & Koerner, 2008).

As famílias, convencionais ou adotivas, são constituídas por várias gerações. A investigação que se tem debruçado sobre a intergeracionalidade demonstra que muitos dos relacionamentos cruciais para o desenvolvimento humano ocorrem da convivência de gerações: pais-filhos, avós-netos, professor-aluno, cuidador-criança, entre outros (Vandervan, 2011). As relações intergeracionais têm impacto ao longo de todo o desenvolvimento, constituindo relacionamentos que sustentam os indivíduos nas suas várias necessidades (Liou Ma, 2011). O contacto geracional proporciona, ainda, saúde e bem-estar a todos os envolvidos, verificando-se que quem estabelece contactos geracionais familiares está em vantagem na saúde e bem-estar, relativamente a quem não estabelece (Antonucci, Jackson & Biggs, 2007).

Contudo, as relações intergeracionais no seio da família podem provocar sentimentos ambivalentes e conflitos, nomeadamente na transmissão de crenças e valores, sendo necessário que todos os elementos da família aprendam a respeitar os efeitos de *cohorte* (grupo que viveu na mesma época partilhando um mesmo ambiente e sujeito aos mesmos acontecimentos) dos restantes elementos (Roodin, 2011). O facto de os indivíduos terem nascido em momentos diferentes do tempo histórico, leva a que percecionem os

acontecimentos de formas distintas, podendo gerar tensões familiares. A coexistência de várias gerações numa família suscita o confronto entre concepções de parentalidade diferentes. No que se refere à adoção, apesar da escassez de literatura a este respeito, ainda é necessária uma maior sensibilidade no tratamento destas questões devido às especificidades da parentalidade adotiva e à permeabilidade da adoção a fatores macrossistêmicos, como a cultura e os valores. Como já foi referido, inicialmente a adoção servia os propósitos e interesses dos adultos, podendo esta concepção influenciar a forma como os avós vivem atualmente o processo de adoção, a integração de uma criança adotada na família, a grã-parentalidade adotiva, as crenças que têm acerca da adoção e, mais concretamente, acerca das crianças adotadas e do seu neto adotado em particular.

Os estudos intergeracionais que envolvem a geração dos avós em famílias que adotaram, pouco se debruçaram sobre a inter-relação entre o sistema grã-parental e o sistema parental. Considerando que são dois sistemas familiares com grande relevância para o desenvolvimento da criança, as semelhanças ou diferenças, continuidades e/ou descontinuidades entre eles, poderão ter impacto no desenvolvimento e ajustamento da criança adotada, importando alargar à geração dos avós o estudo das dinâmicas familiares na adoção.

Degani, Lowenstein e Buchbinder (2007) identificaram cinco estádios no desenvolvimento das relações entre avós e netos adotados, evoluindo de uma posição inicial em que o neto adotado apenas representa a satisfação do desejo de parentalidade dos seus filhos, até ao reconhecimento absoluto do neto

como elemento integrante da família. A importância para os pais do reconhecimento do neto pelos avós é posta em evidência por estes autores que identificam a aprovação dos avós como fator determinante da construção do projeto de adoção (dos pais) e envolvimento na parentalidade adotiva.

Num estudo intergeracional único, centrado no envolvimento dos avós na adoção, Pitcher (2009) salienta a pertinência de envolver o sistema grã-parental desde o início da construção do projeto familiar de adoção, na medida em que este envolvimento facilita a redução da ansiedade associada à adoção. O papel desempenhado pelos avós na integração e adaptação da criança contribui para o desenvolvimento do sentimento de pertença da criança à família (Pitcher, 2009). Os avós representam o passado e as origens da família de que a criança se vai apropriando pela partilha de acontecimentos, vivências e histórias familiares, aprendizagens e descobertas feitas com os avós e, progressivamente, o seu papel de neto vai consolidando o lugar de filho na nova família. A partir da integração de uma criança numa família, os avós assumem grande importância na sua vida e desenvolvimento (Palacios, 2009).

As crianças adotadas podem ou não ter tido experiências com os avós biológicos e estas podem ter sido positivas ou não. Ainda assim, segundo a investigação, criam expectativas do papel dos avós a partir das experiências prévias quando existentes, das histórias que (lhes) leram ou ainda dos meios de comunicação social. No que diz respeito aos avós, verifica-se que o padrão da relação avós-netos na família adotiva e na família convencional é semelhante, na medida em que prevalece a dimensão afetiva sobre as dimensões associacional (relativa à partilha de atividades) e funcional (relativa ao apoio

entre gerações), conduzindo à conclusão que a natureza da relação avós-netos é independente da forma de formação de família, por adoção ou biológica (Barbosa-Ducharne & Monteiro, no prelo).

Em suma, a investigação que incide nas relações entre gerações na família adotiva tem confirmado as conclusões de estudos intergeracionais noutras formas de família, salientando a importância que cada geração assume para o desenvolvimento das outras e o papel determinante que cada geração pode desempenhar no cumprimento de tarefas desenvolvimentais, gerais e específicas à adoção, atribuídas às outras gerações. Contudo ainda nenhum estudo se debruçou sobre as comunalidades intergeracionais do processo de adoção, a convergência (ou divergência) das perspectivas dos avós, pais e filhos/netos na vivência da adoção, a continuidade (ou descontinuidade) nas tarefas familiares específicas da adoção. O presente estudo, de carácter exploratório, constituindo uma análise comparativa intergeracional do processo de adoção, pretende contribuir para colmatar esta lacuna. Tem como objetivo específico confrontar a vivência do processo de adoção em três gerações da família adotiva, a saber, avós, pais e filhos/netos e identificar processos de continuidade/descontinuidade entre as três gerações.

Método

Participantes

No presente estudo foi selecionada uma amostra de conveniência a partir das famílias participantes do projeto IPA – Investigação sobre o Processo de Adoção: Perspetiva de Pais e Filhos, tendo sido incluídas todas as famílias

nas quais a geração dos avós se mostrou em condições de saúde e disponível para participar. Participaram no estudo 58 famílias de avós, pais e filhos/netos.

A tabela 1 apresenta a distribuição das variáveis sexo, idade e escolaridade em função do papel desempenhado na família de avó, pai e filho/neto.

Tabela 1
Distribuição das variáveis sexo, idade e escolaridade segundo o papel na família (n=58)

		Avós	Pais	Filhos
Sexo	Masculino	21 (36.2%)	13 (22.4%)	36 (62.1%)
	Feminino	37 (63.8%)	45 (77.6%)	22 (37.9%)
Idade	Média	69.00	41.34	9.74
	Desvio-Padrão	6.85	4.38	2.52
	Máximo-Mínimo	57-79	31-51	5-17
Anos de estudo	Média	6.14	13.95	4.17
	Desvio-Padrão	4.85	3.48	2.19
	Máximo-Mínimo	0-17	4-22	0-9

A leitura da tabela 1 permite verificar que na geração dos avós e dos pais a maioria dos participantes são de sexo feminino (63.8% e 77.6% respectivamente), enquanto na geração dos filhos 62.1% são rapazes. A diferença de idades médias entre a geração dos avós e dos pais é de 27.66 anos (6.36) e entre a geração dos pais e dos filhos é de 32.82 (4.91). Verifica-se a existência de uma diferença estatisticamente significativa entre as médias de diferença de idades, $t(57) = - 4.63, p < .001, d = - 0.91, 95\% \text{ CI } [-7.39, -2.93]$, evidenciando que a diferença entre a primeira e segunda gerações é menor que a diferença entre pais e filhos adotados. No que diz respeito aos anos de escolaridade, verifica-se que os pais são o grupo com mais anos de estudo,

embora com uma grande variação, na medida em que alguns completaram apenas o 1º ciclo do ensino básico e outros detêm o grau de doutor, evidenciando uma diferença estatisticamente significativa, $t(57) = -12.36$, $p < .001$, $d = 1.85$, 95% CI [-9.08, -6.55], relativamente ao grupo de avós, que completaram em média 6 anos de estudo, igualmente com uma variação grande, entre o analfabetismo e a licenciatura. Estas diferenças de escolaridade estão certamente associadas a efeitos da geração a que pertencem os participantes.

Mais de metade dos avós (55.2%) é de linhagem paterna sendo os restantes (44.8%) avós por linha materna. A grande maioria dos avós (84.5%) é casado, enquanto os restantes (16.5%) são solteiros e viúvos. No momento da entrevista, 18 avós (31%) tinham apenas um neto e os restantes 69% dois ou mais netos; para 46.4%, o neto adotado foi o primeiro neto. Relativamente aos pais, estes constituem quase exclusivamente famílias biparentais, à exceção de uma família monoparental, e apresentam em média um tempo de espera pelo filho adotado de 3 anos (1.72). No que diz respeito aos filhos, a média de idade em que foram adotados é de 4.83 anos (2.77) e o tempo de adoção médio é de 5.26 anos (2.57). Estas crianças haviam permanecido institucionalizadas previamente à sua integração na família 24 meses em média (24.01), variando entre 0 e 114 meses, ou seja, 9.5 anos.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados na recolha de dados do presente estudo incluem a Entrevista a Avós sobre o Processo de Adoção (EAPA), a Entrevista sobre o Processo de Adoção, Portuguesa (EPA – Portuguesa) e a Entrevista a Crianças e Adolescentes sobre Adoção (ECAA). A EAPA (Barbosa-Ducharne, Monteiro & Barroso, 2011) é constituída por questões abertas que abordam os conceitos de adoção, família e família adotiva; as representações sociais que os avós têm acerca da adoção e das crianças adotadas, exploradas através de vinhetas, com recurso a uma escala tipo *Lickert* de 5 pontos para a codificação das respostas; a vivência da adoção e as crenças dos avós sobre a adoção, exploradas através de questões abertas e de questões de respostas em escala de tipo *Lickert* de 6 pontos. A EPA Portuguesa (Barbosa-Ducharne, Moreira, Ferreira da Silva, Monteiro & Soares, 2009) foi usada para recolher dados junto dos pais. Esta entrevista é constituída por 124 questões (abertas e em escala de tipo *Lickert* de 4 pontos) relacionadas com a forma como foi e está a ser vivenciado o processo de adoção abordando diversas temáticas, como motivos e tomada de decisão, tempo de espera, chegada da criança, adaptação e desenvolvimento, integração da criança na família, comunicação acerca da adoção e satisfação, avaliação global e perspetivas de futuro da adoção. A ECAA (Barbosa-Ducharne, Soares, Ferreira & Monteiro, 2011) dirigida a crianças e adolescentes dos 5 aos 15 anos, explora, através de questões abertas e em escala de tipo *Lickert* de 4 pontos, diversas temáticas, nomeadamente: os conceitos de adoção e família; a chegada da criança e a sua adaptação; o

desenvolvimento e ajustamento psicológico da criança; e o processo de comunicação acerca da adoção.

Antes de se proceder à análise de dados propriamente dita e considerando que os vários instrumentos recorriam a escalas diferentes, transformaram-se todas as variáveis, reduzindo-se as mesmas a uma escala de 0

a 100, através da seguinte fórmula: $100 \times \frac{Score - Min}{Max - Min}$. Esta transformação, modificando apenas as medidas descritivas, não altera as relações entre as variáveis e facilita a sua leitura.

Resultados

A apresentação dos resultados é guiada pela estrutura e cronologia do próprio processo de adoção, iniciando-se pela construção do processo de adoção, passando à chegada, integração e adaptação da criança, à apreciação do que a adoção representa para os elementos da família adotiva e às crenças que orientam a postura face à adoção. Utilizar-se-á a expressão “avós” para referir os resultados obtidos junto da geração grã-parental, independentemente do género, a expressão “pais” refere-se à geração parental e por “filhos” entenda-se a terceira geração, das crianças adotadas.

Para a quase totalidade dos avós (91.3%) e dos pais (93.1%) os motivos que levaram estes últimos à adoção prendem-se com o desejo de parentalidade e sua impossibilidade por via biológica, perante problemas de infertilidade ou risco genético.

A decisão pela adoção parece ser restrita ao(s) adotante(s), visto que 37.9% dos pais dizem que antes de tomarem a decisão de adotar mantiveram o

projeto em privado, 51.7% referem que apenas informaram os familiares e amigos próximos e apenas 10.3% consultou algum familiar ou amigo, antes de tomar a decisão da adoção.

Relativamente ao primeiro momento em que estiveram com a criança, todos os avós dizem ter vivenciado sentimentos positivos, enquanto 19.6% dos pais referiram ambivalência de sentimentos e 8.9% indefinição de sentimentos.

Todos os avós e pais inquiridos consideram que a sua família, adotiva, é igual às famílias convencionais. Todavia, 16.7% das crianças dizem já se ter sentido diferentes das restantes crianças. Quando questionados acerca das razões para este sentimento de diferença, 44.4% destas crianças atribuem a diferença ao seu estatuto adotivo, 22.2% ao seu passado e história prévia, 22.2% às características da família adotiva e 11.1% às suas características pessoais.

Avós, pais e filhos afirmam que a criança está muito feliz com a sua situação de adotada ($M_{avós} = 93.68$, $DP_{avós} = 22.04$; $M_{pais} = 70.90$, $DP_{pais} = 45.84$; $M_{filhos} = 85.80$, $DP_{filhos} = 24.74$). A aplicação do teste *t* de *Student* para amostras emparelhadas revelou a existência de diferenças significativas na percepção de avós, pais e filhos, tendo-se obtido um valor de $t(54) = 3.40$, $p = .001$, $d = 0.63$, 95% CI [9.21, 35.64], entre a percepção dos avós e a percepção dos pais, de $t(51) = -2.23$, $p = .03$, $d = 0.63$, 95% CI [-30.43, -1.61], entre a percepção dos pais e a percepção dos filhos e $t(53) = -2.17$, $p = .034$, $d = 0.63$, 95% CI [-17.8, -0.71] entre a percepção de avós e filhos.

Apesar de nenhum pai inquirido ter ponderado a rutura da relação com o filho, 24.1% dos pais já disseram aos filhos que os iriam devolver à

instituição. Todavia, apenas 14.8% das crianças dizem ter sentido nalgum momento que os pais não queriam ficar consigo, tendo metade destas crianças falado com os pais acerca disto.

Avós e pais dizem ser difícil falar acerca das origens e passado da criança ($M_{avós} = 42.41$, $DP_{avós} = 32.03$; $M_{pais} = 46.55$, $DP_{pais} = 26.44$), enquanto os filhos manifestam maior facilidade na comunicação acerca do passado ($M_{filhos} = 52.72$, $DP_{filhos} = 30.56$), não sendo porém as diferenças significativas.

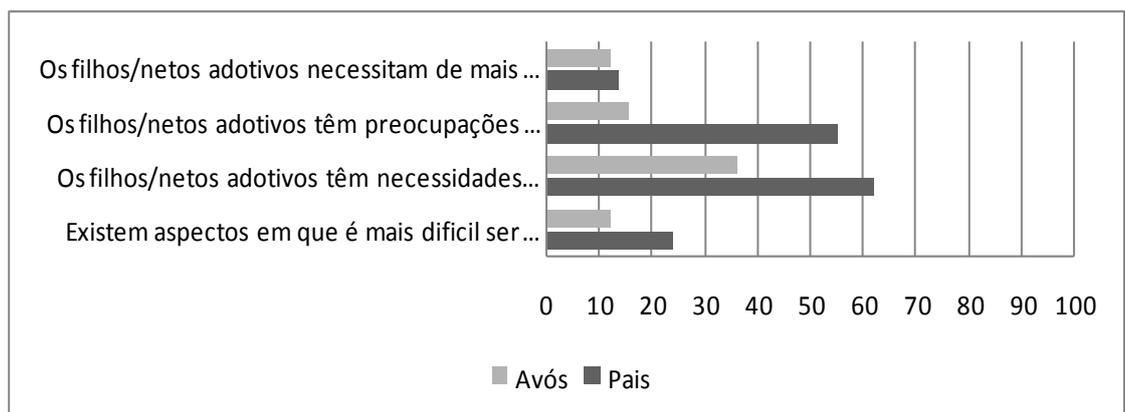
A representação que os filhos têm da sua família biológica é medianamente positiva ($M_{filhos} = 51.92$, $DP_{filhos} = 31.94$), sendo que 57.7% das crianças refere deter uma imagem positiva ou muito positiva. Esta representação é convergente com o desejo manifestado pelos avós no que concerne à imagem que gostariam que as crianças construíssem da família biológica ($M_{avós} = 66.21$, $DP_{avós} = 28.58$), o qual difere significativamente, $t(57) = 4.09$, $p < .001$, $d = 0.80$, 95% CI [9.59, 28], do desejo expresso pelos pais ($M_{pais} = 47.41$, $DP_{pais} = 17.33$).

Avós e pais consideram muito positivo o impacto que a adoção teve na família, manifestando grande satisfação ($M_{avós} = 85.34$, $DP_{avós} = 35.05$; $M_{pais} = 89.66$, $DP_{pais} = 30.72$) e muita felicidade ($M_{avós} = 78.16$, $DP_{avós} = 28.99$; $M_{pais} = 68.97$, $DP_{pais} = 46.67$), por constituírem uma família adotiva; referem que a adoção teve uma repercussão muito positiva na família ($M_{avós} = 85.06$, $DP_{avós} = 26.62$; $M_{pais} = 91.38$, $DP_{pais} = 28.31$) e que a vida familiar se tornou mais fácil para os avós ($M_{avós} = 53.95$, $DP_{avós} = 21.54$) e mais difícil para os pais ($M_{pais} = 36.21$, $DP_{pais} = 27.78$), sendo esta percepção significativamente diferente, $t(56) = 3.41$, $p < .001$, $d = 0.71$, 95% CI [7.06, 27.15].

No que diz respeito aos filhos, a repercussão da adoção foi explorada através da percepção que tinham do que de melhor e pior, relacionado com a adoção, aconteceu nas suas vidas. Assim, como “ganhos da adoção”, os filhos referiram ter uma família (64.7%), ter uma nova vida (23.5%) e acesso a bens materiais (11.8%). Como experiências negativas associadas à adoção, os filhos referem as perdas pessoais (35.8%), perdas relacionadas com a família biológica (24.5%), perdas na família adotiva (13.2%); 26.4% dos filhos refere não ter experienciado acontecimentos negativos.

Finalmente, foram exploradas as crenças que avós, pais e filhos têm relativamente à adoção. A preocupação de apenas incluir na entrevista das crianças questões com significado para estas conduziu à exclusão de algumas crenças exploradas junto de avós e pais. A figura1 apresenta a distribuição de frequências de avós e pais nas variáveis que se referem às crenças relativas à adoção.

Figura1. Distribuição de frequências das variáveis relativas às crenças acerca da adoção de avós e pais.



Tal como se pode constatar no gráfico, existem grandes diferenças de perspectiva de avós e pais relativamente a algumas crenças acerca da adoção, nomeadamente na crença de que os filhos/netos adotados têm preocupações que não têm os biológicos, na qual 55.2% dos pais concorda com esta afirmação e apenas 15.5% dos avós partilha desta crença. Quando questionados acerca de quais seriam estas preocupações das crianças adotadas, 25.9% dos pais dizem que as crianças têm medo da rejeição, 22.4% dizem que as crianças se preocupam com a busca das origens, 3.4% com o desenvolvimento de sentimentos de pertença à família, e igual percentagem (3.4%) com a discriminação social de que podem ser alvo devido ao estatuto adotivo. Dos 15.5% dos avós que dizem que os netos adotados têm mais preocupações que os restantes, 53.3% referem a preocupação com o desenvolvimento de sentimentos de pertença à família, 33.3% a preocupação com uma nova rejeição e 13.3% a preocupação com a discriminação social.

Na mesma linha, relativamente à crença que os filhos/netos adotivos têm necessidades que não têm os biológicos, verifica-se que 62.1% dos pais concordam com esta afirmação e que entre os avós, apenas 36.2% partilha desta crença. As necessidades referidas pelos pais são necessidades afetivas (44.8%), necessidades relacionadas com as origens e comunicação acerca da adoção (13.8%) e a necessidade de identificação/adaptação à família (3.4%). Por outro lado, todos os avós que identificam necessidades acrescidas dizem que estas necessidades são afetivas (100%). Uma percentagem muito idêntica de avós (12.1%) e pais (13.8%) concordam que as crianças adotadas necessitam de mais afeto que as restantes.

Por último, existem menos avós (12.1%) que pais (24.1%) a considerar que existem dificuldades acrescidas à grã-parentalidade/parentalidade adotiva em comparação com a grã-parentalidade/parentalidade convencional.

Apesar de todas as especificidades da parentalidade adotiva identificadas por avós e pais, verifica-se que nenhuma das gerações problematiza a adoção. Assim, nenhum avô acha que surgiram problemas na sua família por existir uma criança adotada e apenas um pai o faz. De igual forma, todos os pais acham que os filhos adotados devem ser educados exatamente da mesma forma que os biológicos e apenas 8.6% dos avós afirmam que a educação deve ser diferenciada. Por último, apenas dois avós (3.4%) e cinco pais (8.6%) atribuem os comportamentos desadequados da criança adotada ao seu estatuto adotivo.

Avós e pais foram questionados acerca da importância de vários tipos de influências no comportamento da criança adotada, verificando-se que os avós valorizam mais ($M_{\text{avós}} = 46.21$, $DP_{\text{avós}} = 28.58$) que os pais ($M_{\text{pais}} = 31.61$, $DP_{\text{pais}} = 24.52$) as influências passadas (antecedentes genéticos e experiências prévias à adoção), sendo estas diferenças significativas, $t(57) = 3.25$, $p = .002$, $d = 0.55$, 95% CI [- 45.21, -25.71]. Avós e pais valorizam as experiências presentes na família adotiva e nos contextos extrafamiliares ($M_{\text{avós}} = 67.07$, $DP_{\text{avós}} = 28.66$; $M_{\text{pais}} = 73.85$, $DP_{\text{pais}} = 22.97$) como determinantes do comportamento atual da criança, não se verificando diferenças significativas entre avós e pais relativamente a esta questão.

No que diz respeito às crenças de avós e pais relativas à comunicação acerca da adoção verificam-se diferenças estatisticamente significativas na

postura que as duas gerações assumem face à proactividade do adulto na abordagem da adoção com a criança, $t(57) = 4.52$, $p < .001$, $d = 0.82$, 95% CI [16.14, 41.79], sendo os avós mais favoráveis a uma postura passiva do adulto ($M_{\text{avós}} = 65.17$, $DP_{\text{avós}} = 40.45$; $M_{\text{pais}} = 36.21$, $DP_{\text{pais}} = 28.81$) e face à vantagem de a adoção traduzir a negação do passado da criança, $t(57) = 7.84$, $p < .001$, $d = 1.22$, 95% CI [31.41, 52.96], aderindo mais os avós a esta crença ($M_{\text{avós}} = 72.07$, $DP_{\text{avós}} = 38.56$; $M_{\text{pais}} = 29.89$, $DP_{\text{pais}} = 29.74$).

As três gerações da família, avós, pais e filhos, foram ainda questionadas acerca do interesse que o adotado pode ter pelo seu passado e razões que o conduziram à adoção, verificando-se que 46.6% dos avós e 56.9% dos pais acham que a criança não considera relevante ter informações acerca do passado e, quando questionados diretamente, 74.5% dos filhos valorizam a importância de conhecer o seu passado e origens.

Discussão

Apesar de a adoção ter como objetivo proporcionar uma família a uma criança e dos avós desempenharem um papel de suporte, a decisão da adoção é, na grande maioria das famílias, tomada apenas pelos adotantes. Tal pode significar uma aproximação da adoção à biologia no momento inicial de construção do projeto de adoção, assumindo os pais adotantes, tal como os convencionais, que a tomada de decisão relativa à transição à parentalidade apenas a eles diz respeito.

Todos os avós disseram ter experienciado sentimentos positivos no primeiro contacto com o neto. Contudo, 19.6% dos pais dizem ter vivenciado

sentimentos ambivalentes e 8.9% indefinidos, o que pode associar-se às angústias dos pais sobre a adaptação da criança, à capacidade da criança e deles próprios estabelecerem um vínculo afetivo, ao confronto das suas expectativas com a realidade da criança acolhida, à preocupação do casal com a parentalidade. Assim, enquanto para os pais são várias as preocupações suscitadas pela chegada da criança, os avós participantes manifestaram imediata satisfação, convergindo com o descrito na literatura acerca do processo de desenvolvimento das relações avós-netos adotados (Degani et al., 2007). Aliás e apesar do impacto positivo que a adoção teve na família, os pais percebem maior dificuldade na vida familiar atual, o que poderá estar associado às exigências da parentalidade em geral.

Relativamente à percepção de felicidade da criança, verificam-se algumas diferenças de perspectiva das várias gerações. Os avós são a geração que acha que a criança está mais feliz com a adoção. Isto pode dever-se à forma como os avós ainda veem a adoção e a criança adotada. É perceptível nos seus discursos que consideram que a adoção apenas implica ganhos para a criança, fazendo atribuições imediatas de felicidade. Por oposição, os pais são a geração que percebe uma menor felicidade da criança. Esta percepção de menor felicidade pode estar relacionada com o facto dos pais adotivos estarem, apesar de tudo, mais conscientes que os avós, da importância para a criança e para o seu ajustamento psicológico da sua história prévia, das suas origens e das implicações do seu estatuto adotivo. Apesar das afirmações de felicidade da própria criança, note-se que 24.1% dos pais reconhecem já ter dito aos seus filhos que os iriam devolver à instituição. Este tipo de verbalizações pode ter

um efeito nefasto na criança adotada, ativando o sentimento de perda, típica na adoção, gerando ansiedade, inquietudes e insegurança e levando a criança a considerar que não é “suficientemente boa” para ser amada e aceita pela família.

Todos os pais e avós inquiridos parecem rejeitar a existência de diferenças entre famílias convencionais e adotivas, na medida em que consideram as suas famílias similares às convencionais. Esta atitude de rejeição das diferenças pode comprometer o desenvolvimento de um ambiente familiar de confiança, necessário à exploração das questões relacionadas com a comunicação acerca da adoção, tarefa que qualifica este tipo de parentalidade. Ora a qualidade da comunicação sobre a adoção é determinante do ajustamento psicológico da criança adotada, contribuindo para a formação da sua identidade adotiva. Nas famílias onde não é reconhecida a especificidade da adoção, esta tarefa desenvolvimental poderá estar comprometida. De facto, os resultados obtidos nas variáveis relacionadas com a comunicação acerca da adoção revelam que os avós exprimem dificuldades em falar com a criança acerca das suas origens e defendem crenças desfavoráveis à abertura da comunicação, o que pode estar relacionado com o carácter secreto e confidencial que a adoção tinha na sua geração. Apesar do trabalho de sensibilização para a importância da comunicação acerca da adoção, feito ao longo do acompanhamento profissional do processo de adoção, também a geração dos pais evoca as dificuldades que sente na abordagem das origens da criança. Os resultados demonstraram que os filhos se interessam mais pela sua história prévia do que aquilo que os seus pais e avós identificam. Todavia, é normativo que a criança

tenha curiosidade sobre o seu passado e sobre a família biológica, na medida em que constituem elementos integrantes essenciais da sua identidade.

Avós e pais assumiram posicionamentos distintos face às crenças relativas à adoção, traduzindo a diferente sensibilidade destas duas gerações às especificidades da adoção. Os pais reconhecem que a parentalidade adotiva implica tarefas próprias, nomeadamente a comunicação acerca da adoção, atribuindo as preocupações e necessidades acrescidas dos filhos adotados à vida prévia da criança e ao seu estatuto adotivo. Os avós assumem uma postura de maior rejeição das diferenças, considerando que a integração da criança equivale ao nascimento biológico, não reconhecendo tarefas específicas da parte da família e da própria criança. Na mesma linha, a valorização por parte dos avós, das experiências passadas na determinação do comportamento da criança pode associar-se a efeitos de coorte, pois na geração dos avós, os laços de sangue são valorizados.

Finalmente, um dado que merece reflexão mais aprofundada prende-se com a conceção de família adotiva expressa pelas três gerações. Apesar das duas gerações mais velhas não identificarem diferenças entre a sua família e as convencionais e de os pais evidenciarem algum reconhecimento de tarefas parentais específicas à adoção, parte das crianças inquiridas diz já se ter sentido diferente das restantes crianças, sendo que 66.6% das razões deste sentimento estão relacionadas com as particularidades da adoção (estatuto adotivo e história prévia). As crianças parecem estar mais sensíveis à importância da família atender às especificidades da adoção, do que os adultos que as rodeiam. As crianças estão mais expostas à diferença e poderão ter maior dificuldade em

lidar com essa diferença, se os contextos proximais - pais e avós – rejeitarem as especificidades da adoção. A possibilidade de crescer num contexto familiar onde a comunicação sobre a adoção, o passado e as origens da criança, seja aberta, fluente e empática, promoverá na criança a capacidade de ir integrando, numa narrativa pessoal articulada, a pertença a duas famílias (biológica e adotiva) e a história passada de adversidade, bem como de ir aprendendo competências que lhe facilitarão o confronto com a diferença nos outros contextos de socialização que frequenta, como a escola ou o grupo de pares. O reconhecimento das especificidades da adoção por pais e avós é determinante para a criação de um ambiente familiar que atenda às características e necessidades específicas da criança adotada, podendo contudo não ser suficiente, se as famílias não dispuserem de recursos e competências para responder de modo satisfatório às tarefas e exigências determinadas pela especificidade da criança adotada. Por conseguinte, a preparação para a parentalidade adotiva, bem como o acompanhamento das famílias em pós-adoção, deverão atender a esta dupla exigência da formação, do saber e do saber-fazer, isto é, do reconhecer as necessidades específicas da criança adotada e do saber responder a essas necessidades específicas.

Em suma, este estudo teve como objetivo dar voz às várias gerações da família, uma vez que todas são intervenientes importantes no processo de adoção e determinantes do seu sucesso. Apesar do número limitado de famílias participantes, este estudo destaca a dimensão intergeracional da adoção e a importância do envolvimento das diferentes gerações nesta transição familiar, reforçando a necessidade de implicar todas, e cada uma, das gerações, na

preparação à transição à parentalidade adotiva e no acompanhamento das exigências que vão emergindo ao longo do ciclo de vida da família adotiva. É posto em evidência o papel de geração intermédia desempenhado pelos pais, na medida em que são estes que desencadeiam o projeto de constituição de família por adoção e ocupam lugar privilegiado para funcionarem como “parceiros de interação mais competentes” junto das outras gerações, promovendo oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento de competências para fazer face às exigências da adoção. A abordagem intergeracional na adoção revela-se de grande potencial heurístico, não apenas enquadrando a investigação sobre as dinâmicas da família adotiva, mas abrindo novas perspectivas na intervenção na preparação para a adoção, ao longo de todo o processo e ciclo de vida da família, no pré e pós adoção e, sobretudo, envolvendo todos os sistemas familiares, reconhecendo-lhes o papel que desempenham para que a adoção se confirme como “intervenção natural de sucesso” junto de crianças que não tiveram “pais permanentes”.

Referências

- Antonucci, T. C., Jackson, J. S., & Biggs, S. (2007). Intergenerational relations: Theory, research, and policy. *Journal of Social Issues*, 63, 679-693. doi: 10.1111/j.1540-4560.2007.00530.x
- Barbosa-Ducharne, M., Ferreira, J. & Soares, J. (2012). Communication openness in the adoptive family and the psychological adjustment of adoptees. In *Proceedings of the XV European conference on developmental psychology* (pp.215-224). Roma: Medimond. ISBN: 978-88-7587-636-4
- Barbosa-Ducharne, M. & Monteiro, A. (no prelo). A natureza da relação avós-netos adotados. *Revista transdisciplinar de gerontologia*.
- Barbosa-Ducharne, M., Monteiro, A., & Barroso, R. (2011). Entrevista a Avós sobre Processo de Adoção – EAPA. Policopiado. Versão para Investigação. Porto: FPCEUP.**
- Barbosa-Ducharne, M., Moreira, A., Ferreira da Silva, A., Monteiro, J., & Soares, J. (2009). *Entrevista sobre o Processo de Adoção*. Policopiado. Versão para Investigação.

- Barbosa-Ducharne, M., Soares, J., Ferreira, J. & Monteiro, J. (2011). Entrevista a Crianças e Adolescentes sobre Adopção – ECAA: Desenvolvimento de um Instrumento de Acesso à Vivência do Processo de Adopção. In A.S. Ferreira, A. Verhaeghe, D. R. Silva, L. S. Almeida, R. Lima, & S. Fraga (Eds.). *Actas do VIII Congresso Ibero-Americano de Avaliação psicológica e XV Conferencia Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (pp.599-612). Lisboa: SPP.
- Brodzinsky, D. M. (1987). Adjustment to adoption. *Clinical Psychology Review*, 7, 25-47. doi: 10.1016/0272-7358(87)90003-1.
- Brodzinsky, D. M. (1990). A stress and coping model of adoption adjustment. In D. M. Brodzinsky & M. D. Schechter (Eds.). *The psychology of adoption* (pp. 3-24). New York: Oxford University Press. ISBN: 0-19-508273-7
- Brodzinsky, D. M. (2005). Reconceptualizing openness in adoption: Implications for theory, research and practice. In D. M. Brodzinsky & J. Palacios (Eds.), *Psychological Issues in Adoption: Research and Practice* (pp. 145-165). New York: Greenwood. ISBN: 0-275-97970-9
- Brodzinsky, D. M. (2006). Family structural openness and communication openness as predictors in the adjustment of adopted children. *Adoption Quarterly*, 9(4), 1-18. doi: 10.1300/J145v09n04_01
- Degani, N., Lowenstei, A. & Buchbinder, E. (2007). Grandparents relate to adopted grandchildren the same as biological. Acedido a 7 de Agosto de 2011 em <http://seniorjournal.com/NEWS/Grandparents/2007/7-04-16-GrandparentsRelate.htm>
- Juffer, F., Palacios, J., LeMare, L., Sonuga-Barke, E., Tieman, W., Bakermans-Kranenburg, M., Vorria, P., IJzendoorn, M., & Verhulst, F. (2011). Development of adopted children with histories of early adversity. *Monographs of the Society for the Research on Child Development*, 76, 31-61. doi: 10.1111/j.1540-5834.2011.00627
- Liou Ma, C. (2011). Ageing and intergenerational relations: Family reciprocity from a global perspective By Misa Izuhara. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9, 98-102. doi:10.1080/15350770.2011.544219
- Palacios, J. (2009.) The ecology of adoption. In G. M. Wrobel & E. Neil (Ed.) *International Advances Adoption Research for Practice* (pp. 71-94). Wiley-Blackwell. ISBN: 978-0-470-99817-5
- Palacios, J. (2010). Familias adoptivas. In E. Arranz & A. Oliva (coord.). *Desarrollo psicológico en las nuevas estructuras familiares* (pp.51-67). Madrid: Ed. Pirâmide. ISBN: 978-84-368-2326-4
- Palacios, J., Sandoval, Y. S. & Espinosa, E. S. (1996). *La adopción en Andalucía*. Sevilla: Junta de Andalucía.
- Pitcher, D. (2009). Adopted children and their grandparents: views from three generations. *Adoption & Fostering*, 33, 56-67.
- Roodin, P. (2011). Intergenerational solidarity: One of many perspectives of intergenerational relationships. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9 (2), 121-127. doi: 10.1080/15350770.2011.567914

- Rueter, M. & Koerner, A. (2008). The effect of family communication patterns on adopted adolescent adjustment. *Journal of Marriage and Family*, 70, 715-727. doi: 10.1111/j.1741-3737.2008.00516.x
- Vanderven, K. (2011). The road to intergenerational theory is under construction: A continuing story. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9, 22-36. doi: 10.1080/15350770.2011.544206
- VanIJzendoorn, M.H., & Juffer, F. (2006). The Emanuel Miller memorial lecture 2006: Adoption as intervention. Meta-analytic evidence for massive catch-up and plasticity in physical, socio-emotional and cognitive development. *Journal of child psychology and psychiatry*, 47, 1228-1245. doi: 10.1111/j.1469-7610.2006.01675.x.
-

Nota de autor:

Maria Barbosa-Ducharne, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto; Raquel Barroso, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Este estudo faz parte de uma investigação mais abrangente – o Projeto IPA – Investigação sobre o Processo de Adoção: Perspetiva de Pais e Filhos, conduzido na FPCEUP sob direção do primeiro autor e apresenta parte dos dados tratados na tese de Mestrado Integrado em Psicologia do segundo autor. O Projeto IPA é financiado pela FCT através do Centro de Psicologia da Universidade do Porto e beneficia do protocolo de cooperação em matéria de adoção, estabelecido entre o ISS, I.P. e a FPCEUP. Os autores agradecem o envolvimento de toda a equipe do projeto IPA e o contributo das Edições Girassol que permitiu a oferta de um livro infantil a cada família participante no estudo.

Correspondência relacionada com este artigo deverá ser endereçada a Maria Barbosa-Ducharne, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal. Correio eletrónico: abarbosa@fpce.up.pt

Recebido em 3/4/2012. Aceito em 25/5/2012.